

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Precos da assignatura	Anno	Semest.	Trim.	N.º
	36 n.º	18 n.º	9 n.º	à entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	28800	18900	6950	5120
Possessões ultramarinas (idem)...	46000	28000	—	—
Extrang. (união geral dos correios)	54000	28500	—	—

24.º Anno — XXIV Volume — N.º 812

20 DE JULHO DE 1901

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Linha. L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA ROYAL DO LOUREIRO, 25 A 29

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável Caetano Alberto da Silva.

mesmas aguas, depressa se uniria connosco. As Vascongadas, que andam de nariz torcido, uniam-se a Catalunha, seguindo-se uma insurreição na Galiza... E Castella que se governasse... Não lhe dão Marrocos?... Que mais quer!

E' lindo fantasiar!...

Pois no outro dia, quando o cortejo naval seguia Tejo acima e os fortes de terra salvaram, havia licença para dar um nadinha de corda à imaginação, ainda que não fosse para voar através de Hespanha até as ilhas do Mediterraneo.

Com essa entrada triumphal poz-se nos festejos um ponto.

Voltaram os ministros à vida, voltou El-rei a tomar o peso ao sceptro, facto talvez menos agradável nos tempos que vão correndo, de luctas religiosas e inquietações incommodas dos credores externos.

A questão religiosa que parecia mais tranquilla tornou a levantar cabeça com a resistencia opposta pela superiora do convento do Rego às intimações que lhe foram feitas. Com a chegada do sr. Hinzte Ribeiro foi a questão resolvida desfavoravelmente para as recolhidas, intimadas para sahirem no prazo de tres dias.

Invocaram-se leis, invocou-se a justiça. Mas

CHRONICA OCCIDENTAL

Pouco depois das duas da tarde do dia 14, fundeu no Tejo, conforme fôra annuciado, apenas com umas horas de atraso, a divisão naval portugueza conduzindo a seu bordo El-rei D. Carlos, a Rainha sr.ª D. Amélia, e os ministros e comitiva regia, que acompanharam na viagem à Madeira e Açores os monarchas portuguezes.

Foi um espectáculo deveras desumbrante. Os couraçados, a que servia de aviso o hiate *D. Amélia*, caminhavam rio acima vagarosamente, rodeados de barcos, faluas, rebocadores, todos elles embandeirados.

O Tejo, n'um dia de verão luminoso, parecia um enorme lago, apenas enrugado pela brisa com arrepios brilhantes como prata liquida.

A viagem foi uma verdadeira apothese, desde os primeiros vivas erguidos na ilha de Porto Santo, primeira paragem do programma, até à despedida nas docas de Ponta Delgada, em cujos caes se accumularam milhares de pessoas n'uma ovação entusiastica.

N'ella teve parte o presidente do conselho de ministros, que, natural da ilha de S. Miguel, havia mais de vinte annos não via a casa em que nascêra e onde, em tão elevada posição agora voltava.

Vieram até ao Tejo os dois couraçados inglezes, que desde os Açores acompanharam a divisão portugueza, juntando-se-lhes na bahia de Cascaes o couraçado brasileiro, *Florian Peixoto*.

Mais brilhante ainda tornaram o cortejo naval, um dos mais bellos que temos visto no nosso rio.

Escusado é commentarmos a significação da estada no Tejo por esta occasião d'esses vasos de guerra pertencentes a duas poderosissimas nações, nossas amigas.

Ainda somos alguma coisa, máo grado as nossas desgraças, no equilibrio do mundo. O poder de Portugal não lhe vem apenas da sua historia, vem-lhe ainda das valiosissimas colonias que possui e que maior o poderão tornar ainda um dia.

E o que somos, tão diferente do que deveriamos e poderemos ser um dia, o contraste do ser com o dever ser, exalta, de quando em quando, certas fantasias innocentes, que se desenvolvem em columnas de prosa pelos jornaes estrangeiros.

Ha-as de toda a natureza.

Um hespanhol entende que o unico remedio da Hespanha é entrar por ahi e conquistar Portugal. O artigo d'este nosso amigo tem um defeito: não é em verso. Emquanto ao mais o facundo general não vê na campanha difficuldades. Nem nós queremos outra coisa, diz elle.

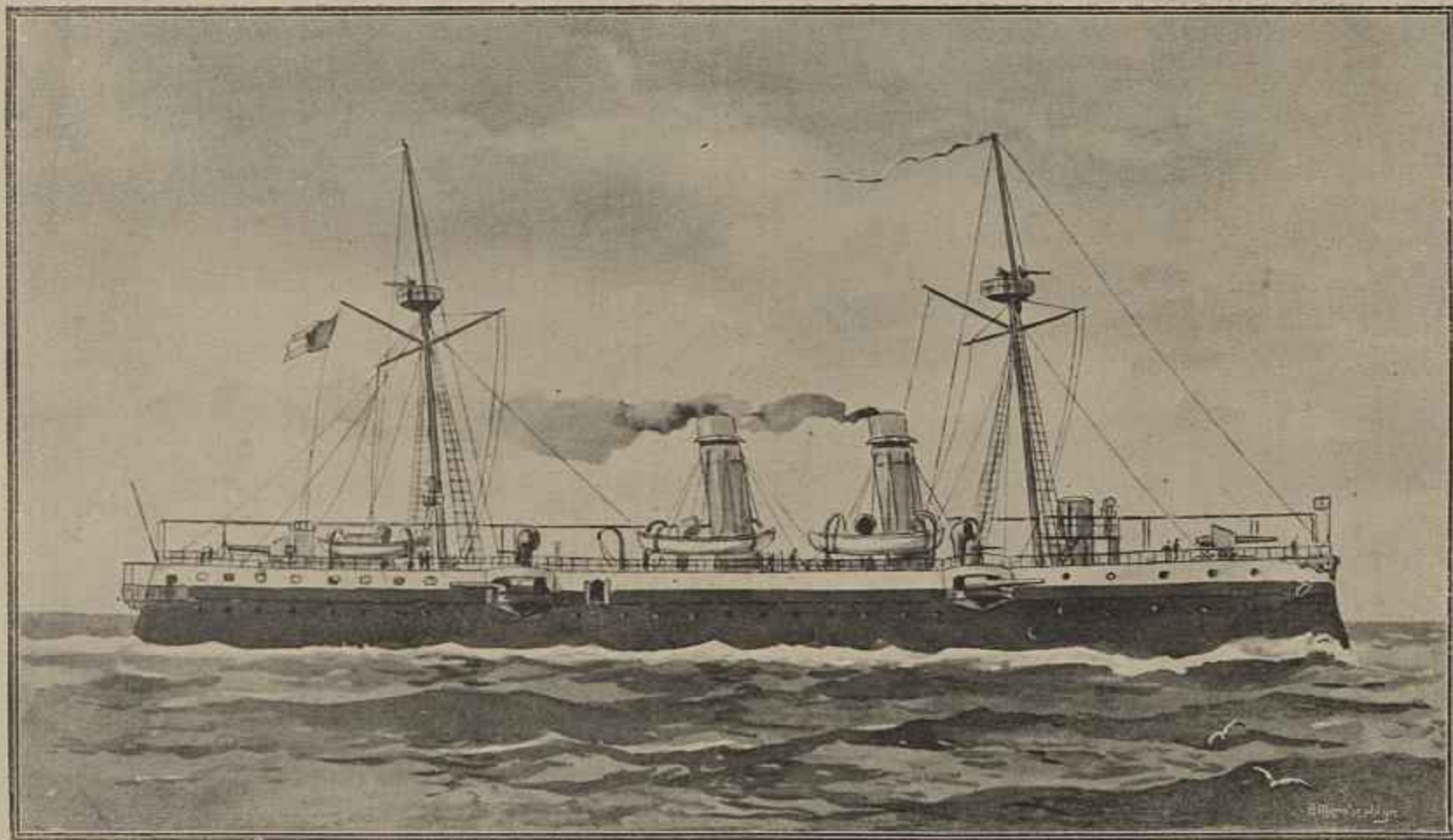
Um belga dá-nos de presente as Canarias e as Baleares. Não devemos deixar de agradecer um tão valioso donativo. A Inglaterra é quem anda mettida n'isso; mas como a Hespanha, coitada, não ha de ficar sem uma compensação, dá-se-lhe Marrocos, dando ella Ceuta de presente aos inglezes.

A idéa das Canarias ainda com um certo esforço se comprehende; mas as Baleares no Mediterraneo, lá tão fóra de mão...

Ha fantasias que explicam tudo. Possuindo nós as Baleares, a Catalunha, que é banhada pelas



PALACIO FOZ — RELIQUIARIO DO SEculo XVII



MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA — O CRUZADOR RAINHA D. AMÉLIA

O Real Theatro de S. Carlos

de entrada de S. Carlos, em beneficio de Julio Caggiani violinista solo do theatro, houve um concerto, no qual um pequeno grupo orchestral tocou as symphonias de *Mignon*, de Ambrose Thomas, *Tutti in maschera*, de Pedrotti, *Petite gavotte*, de Almeida, com solo de oboé por José de Almeida, *Loin du bal*, de Gilet, *Les fleurs* de Waldteufel; O beneficiado tocou no violino: *Fantazia militar*, de Leonard, *Menes-trel* de Wieniawski, e um duetto com o pianista Alfredo Napoleão, o qual tocou tambem *Fantazia d'Aida* de Arthur Napoleão; Thomaz Del-Negro tocou um solo na trompa; e Moraes Palmeiro tocou no violoncello *Serenada* de Gottermann, e *Andante* de Tschaikowski.

Em 27 de maio, em beneficio dos pescadores de Peniche, representou-se o *Sr. Pelides em Coimbra*, de Armando Navarro, com versos de Antonio Caldas e Manuel Quintella, musica de Antonio Vianna e Fructuoso da Silva. Recitaram Chaby Pinheiro um romance, de Julio Dantas, e Luiz Gama tudo attenuado, de Accacio Antunes.

Em 11 de junho houve, no salão de S. Carlos, um concerto em que figuraram os alumnos do Instituto Musical.

No domingo 7 de outubro de 1894, houve no salão de S. Carlos, uma *matinée*, armando-se um pequeno palco, onde se representou o *Ditoso fado*. Foi este espectáculo organizado por Dias Monteiro e Carlos Pacini; representaram os amadores: Julia d'Assumpção, Monteiro, Pacini, Barros, Afra, Lusa, Gonçalves, Joaquim Alberto, e o actor imitador José Vaz.

Tres operas novas subiram á scena n'esta epocha: *Ma-*



MAESTRO ARRIGO BOITO

non Lescaut, de Puccini; *Freischütz*, de Weber, bella composição, já antiga, pois que o seu auctor, Karl Maria Frederick Weber, tinha fallecido em Londres, em 5 de junho de 1826, tendo pouco mais de 39 annos de idade, havendo nascido em Eutin-Holstein em 18 de dezembro de 1786, e que até então ainda nenhum empresario tinha tido o bom gosto de a levar á scena em S. Carlos; e *Falstaff*, de Verdi, a ultima opera do grande maestro, cujo genio soube amoldar o seu immenso talento ás diversas evoluções, que a sciencia musical experimentou no seculo XIX, creando operas lyricas, constituindo *diversas maneiras*, desde as mais inspiradas das suas primeiras composições, até ás mais bem trabalhadas das suas ultimas obras, conservando sempre a sua individualidade e immortalizando o seu nome!

Os libretos das operas *Falstaff* e *Otello* de Verdi, foram escriptos pelo notavel maestro Arrigo Boito, auctor da opera *Mefistofele*.

A companhia lyrica da epocha de 1893-1894 possuia artistas de muito merecimento.

Além da notavel dama Teresa Arkel que esteve no theatro de S. Carlos, no anno anterior, da qual já fallámos, figuraram na scena lyrica de Lisboa, n'esta epocha, como estrellas de especial brilho, a dama Haricléa Darclée, elegante artista, de bella voz e bonito methodo de canto; a dama Valentina Mendioroz, com excellente voz de soprano, forte e bem timbrada, bello methodo de canto, que muito sobresabia no *Lohengrin*; Virginia Guerrini, formosa mulher, de alta estatura, com magnifica voz de meio soprano, forte e pastosa, can-



MAESTRO CHARLES GOUNOD



MAESTRO KARL MARIA WEBER

to dramatico e energico, possuindo ao mesmo tempo o talento comico, que muito se avantajou nas operas *Lohengrin* e *Falstaff*; o tenor Maria-cher, ainda joven, com grande voz barytonal, extensa e bello timbre, que, se algum contratempo o não estorvasse, prometia ser em breve um grande artista, que brilhou nos *Huguenotes* e na *Aida* o tenor Duc, de voz muito potente, posto que pouco malleavel, bom actor, que brilhou em alguns trechos de energia na *Ebrea*, o já conhecido e notavel barytono Kaschmann, e o famoso barytono francez Victor Maunel, para quem Verdi expressamente escreveu as partes de lago e Falstaff. Quando Maunel veio a Lisboa, já não estava a sua voz com os recursos de outr'ora; fatigado em demasia, muitas vezes tornava-se-lhe difficil a execução de certas phrases musicas. Mas o que ainda resplandecia vigorosamente no celebre barytono era o seu primoroso canto, e sobre todo o seu enorme talento de actor. A interpretação dos personagens que representava era da mais elevada correcção, e detalhada superiormente. O canto, o gesto e a caracterisação eram sempre harmonicos e de rigorosa exactidão. Foi no Falstaff que mais brilhou na scena do theatro de S. Carlos de Lisboa.

Uma cousa que se nota, e caracteriza este periodo da gerencia de Freitas Brito, e as estações que se seguiram, na exploração do theatro de S. Carlos, é a multiplicidade de cantores, e o pouco tempo que elles se demoraram em Lisboa.

(Continúa)

F. da Fonseca Benevides.

Os reinos orientaes de Sunda

(CARTA À REDACÇÃO)

(Concluido do numero antecedente)

Mas, ou porque a cessão não chegasse a ser reduzida a *Firman* (Tratado) por causa da exigencia de enormes direitos de mercè, segundo refere F. N. Xavier, ou porque Moghol não tivesse de facto, dominio sobre esse territorio, e quizesse fazer presentes á custa alheia, porquanto já a esse tempo florescia na India a famosa *liga ou confederação nacional dos marathas* que Sivagy fundára para sacudir o jugo Moghol; e de que dei noticia no artigo que V. teve a amabilidade de publicar no *Ocidente*, n.º 808, de 10 do mez findo, o certo é que foi aos marathas que, em 1763, os portuguezes conquistaram essas terras.

Mas, pouco depois, Sundém, a capital do reino hindu no Kanara, lora, em 1764, tomada e destruida por Haidar Aly, rei de Maissore, antecessor e pae do famoso Tipu Sultão com quem Napoleão combinára o projecto da invasão franceza na India sob a sua direcção pessoal, concordando em plantar na India o regimen da liberdade, segundo as promessas do Directorio, para o que o mesmo sultão se inscrevera até como *Cidadão Tipu* n'um club republicano. E' bem sabido que Bonaparte andava então pelo Egypto, e annunciara a Tipu Sultão a sua visita á India. E é a notavel batalha de Plassey, em 1790, em que lord Clive venceu o valente Rajah de Maissore, consolidando o imperio inglez, que fez gorar o projecto combinado entre a França e o sultão indiano, poupando tambem Portugal a graves desastres, no numero dos quaes a tomada de Gôa era um ponto resolvido (*A Conjuração de 1787, Memoria historica* por J. H. da Cunha Rivara).

A' vista da conquista de Sundém por Haidar Aly, o então rei do Sunda, Imody Sadasshiva, que já andava em boas relações com Portugal, estabelecidas em successivos tratados, como os de 1697, 1735, 1742 e 1762, e lhe fizera varias concessões, acolheu-se ao nosso Estado da India com o seu filho adoptivo e com toda a sua córte, sollicitando um asylo seguro. O qual asylo lhe foi dado na aldeia de Moulá (concelho das ilhas de Gôa), bem assim, desde 1771, a pensão annual de 12:000 xerafins, a qual, ao seu filho, Savai Bassava Linga, foi elevada a 23:000 xerafins, até que, não tendo elle conseguido recuperar o seu reino, assignou o Tratado de 1791 de janeiro de 1791 (cit. *Boletim*, n.º 45 e 46 de 1875) pelo qual cedeu Pondá e as suas dependencias atraz mencionadas, ao governo portuguez, obrigando-se este a auxiliá-lo em reaver o throno dos seus maiores, nos termos do que já estava convenconado no Artigo secreto de 17 de setembro de 1762 (cit. *Boletim*, n.º 84, de 1874), e a soccorrel-o no caso de ataque de qualquer potencia inimiga. Ficou tambem estipulado que o príncipe continuaria a possuir os tres predios rusticos que tinha em Canãcana, e que os usufrui-

ria ainda depois que fosse restabelecido no seu reino.

Pelo Artigo secreto annexo a este Tratado de 1791 ficára tambem estabelecido que o rei de Sunda não sahiria de Gôa sem *beneficito* ou licença do governo (em virtude da qual é que elle reside uma parte do anno na India ingleza, no seu principado de Gorga, em Panganur), bem assim que o governador Francisco da Cunha e Menezes intercederia para com a rainha de Portugal, a Senhora D. Maria I, para restituir ao dito Sunda as terras de Pondá e Zambaulim, logo que este estivesse capaz de as defender, visto assegurar-se que era essa a intenção d'El-Rei D. José, como se mostrou pela carta que este monarcha lhe dirigiu a 1 de abril de 1768, e que se acha publicada no *Boletim Official da India*, n.º 71, de 1875.

Vê-se, portanto, que este reino hindu de Sunda ou Sundém é inteiramente differente do reino malaio de Sunda ou Sonda.

A razão de um e outro andarem ás vezes confundidos pelos que desconhecem a situação geographica de cada um d'elles, está certamente na identidade dos nomes, e em que ambas as casas eram de procedencia hindu e sujeitas á soberania da de Bisnagar.

Ha mais. O imperio portuguez da India abrangia todo o oriente. No *Livro dos Pesos, Medidas e Moedas da India*, ordenado em 1554 por Antonio Nunes (contador da casa real servindo de provedor dos seus contos e fazendas da India) apparecem não sómente designados os pesos, medidas e moedas da India propriamente dita, como Bengala, etc., mas tambem os de Moçambique, Zanzibar, Ormuz, Pegú, Malaca, Banda, China e outras terras, entre ellas Çumda (Sunda), onde a moeda corrente eram os cruzados de Malaca (*Subsidios para a historia da India Portugueza* publicados pela Academia Real das Sciencias de Lisboa). Todas essas terras apparecem tambem mencionadas nas nossas antigas chronicas e em outros documentos officiaes como fazendo parte do imperio portuguez da India.

E este Çumda ou Sunda era, pois, o reino do archipelago malaio. Em 1554 não existia, como já vimos, o reino hindu do mesmo nome. O malaio era situado nos mares da Oceania; o hindu, no continente sul-africano. O malaio era tributario de Portugal; o hindu, simplesmente aliado. E a confusão levou alguns a considerar ambos um e mesmo, dando-lhe ainda a duração de oito seculos, com a somma do numero de seculos que durára cada um d'elles. O malaio durára quasi cinco seculos; e o hindu, menos de tres.

O chefe do reino hindu de Sundém é considerado, como se disse, *hospede* do Estado, e se trata como parente e primo d'El-Rei de Portugal. Segundo a formula de tratamento aos differentes principes asiaticos, existente nos archivos do nosso governo de Gôa, dá-se-lhe officialmente o tratamento de «Alteza» (*Boletim Official da India*, n.º 98, de 1875). Nos mesmos archivos constam outrosim o ceremonial e as solemnidades que é uso cumprir na occasião da recepção e visita d'este Rajah, e dos seus filhos e embaixadores (cit. *Boletim*, n.º 75 e 76, de 1876, e n.º 4, de 1874).

O actual Rajah de Sundém, que, como vimos, possui bens de raiz em Canãcana, soffrera em relação a estes uma injustificavel violencia official na occasião dos ultimos acontecimentos de Gôa, de 1895. Mas foi-lhe logo dada uma reparação por ordem de Sua Alteza o Senhor Infante D. Alfonso, quando assumiu o governo da provincia como vice-rei da India.

Se v. entender que esta noticia historica merece a pena de ser publicada no *Ocidente*, queira fazel-o quando lhe parecer.

Com toda a consideração,

Pedrouços, 3 de julho de 1901.

De v. etc.

Christovam Pinto.

METEOROLOGIA POPULAR

PARTE I

A meteorologia do globo terrestre

CAPITULO I

Barometria

A parte da meteorologia que tem por fim estudar as variações da pressão atmospherica, é a *barometria*.

A unidade de pressão *atmospherica*, é o peso de um cylindro de ar, da altura da atmospherica, e de base igual a um centimetro quadrado.

A pressão atmospherica exerce-se egualmente em todos os sentidos.

Eis algumas experiencias que o demonstram:

I Pressão de cima para baixo. Se tivermos um cylindro de vidro fechado superiormente por uma membrana bem tensa, o collocarmos sobre a platina da machina pneumatica, e n'esta fizermos o vacuo, vêr-se-ha a membrana deprimir-se a ponto tal que termina por estalar com grande estampido.

II Pressão de baixo para cima. Se n'um copo de agua completamente cheio, fizermos deslizar á sua superficie uma folha de papel de modo que fique bem adherente á agua e o virarmos, a agua não cahê. Para isso, é necessario que nenhuma gota d'ar exista, na superficie da agua.

III Pressão lateral. N'um frasco de vidro, com varias aberturas lateraes, introduzimos agua. Se vedarmos essas aberturas e rolharmos o frasco, destapando em seguida uma das aberturas, o liquido não sahe, em virtude da pressão lateral que impede o esgoto. Destapando, porém, a bocca do frasco, o liquido sahe. Por essa razão, se facilita o esgoto da agua dos barris, por meio de um suspire, por onde entra ar.

IV Pressão em todos os sentidos. Os hemispherios de Magdeburgo permitem a sua demonstração.



FIG. 2

São dois hemispherios de latão que se ajustam perfeitamente um ao outro.

Um d'elles contém uma torneira, a qual se adapta, por meio de uma rosca, á machina pneumatica, e o segundo termina por um anel.

Emquanto estes contem ar, facilmente os podemos separar, mas feito o vacuo no seu interior, torna-se impossivel á força humana a sua separação, isto com relação aos hemispherios vulgares dos gabinetes de physica. Otte de Guericke, tentando fazel-o com hemispherios maiores, fez puxar cada um d'elles por duas parellas de cavallos sem o conseguir.

Como se mede a pressão?

Foi Torricelli o primeiro que, em 1642, procedeu á experiencia.

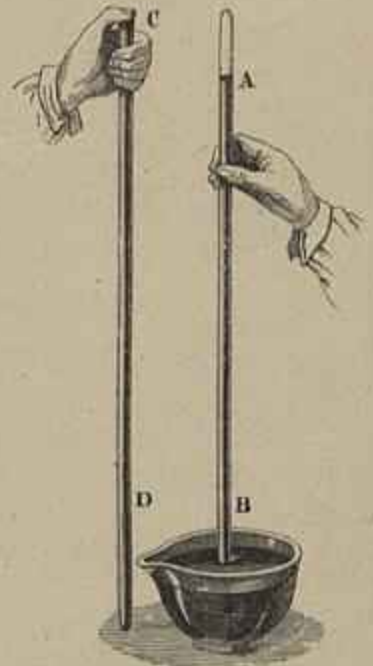


FIG. 3

Tomou um tubo de vidro, de um metro de comprimento, fechado em uma das extremidades, encheu-o de mercúrio, e depois de ter vedado o extremo opposto com o dedo, inverteu-o sobre uma tina, contendo igualmente mercúrio. Observou então que o liquido baixou até 0,76, ponto em que estacionou. A este tubo, denominou *barometro*, palavra derivada do grego, significando medida do peso.

Se p a pressão atmospherica, d , a densidade do mercúrio, aquella será igual ao peso de uma columna de mercúrio igual a 0,76, multiplicado pela sua densidade.

$$P = 0,76 \times 13,6 = 1,0336$$

Se $13,6$ a densidade do mercúrio, ou seja 1,0336 por cada centimetro quadrado.

Os efeitos da pressão atmospherica applicam-se a muitos objectos conhecidos.

Citaremos, entre estes, os tinteiros de syphão. Nos mais triviaes, existe uma especie de funil ajustado ao bocal do tinteiro, com um pequeno orificio na parte inferior, sendo necessario levantar um pouco esse funil, quando consumida a tinta n'elle existente, para que se restitua ao ar interior a sua pressão primitiva e a tinta suba por meio do orificio para o funil.

Barometros. São, como dissemos, aparelhos destinados a medir a pressão atmospherica. Ha dois grupos de barometros: os de *mercúrio* na qual a pressão é medida por meio de uma columna d'este liquido, e os *metallicos*.

Ao primeiro grupo, pertencem os de *tina* e os de *syphão*.

Os primeiros compõem essencialmente de um tubo com mercúrio mergulhado em uma tina. A parte superior da columna de mercúrio tem a fórma convexa, por um motivo de capacidade. Junto a tina, uma pequena mola com o auxilio de um parafuso, desce até ao contacto com a superficie livre do mercúrio. A altura da columna barometrica póde, d'esta fórma, ser medida com pressão no alto do menisco. A prancha de madeira a que se acha ligado o tubo, tem uma escala graduada em centimetros e millimetros, e ao lado d'esta, um nonio. O zero da escala corresponde ao nivel do mercúrio na tina, a qual é variavel consoante a pressão.

Chama-se *camara barometrica* o espaço vazio acima do mercúrio, no tubo.

Nos barometros de syphão, o tubo é recurvado em dois ramos desiguaes, sendo o maior fechado, correspondendo ao tubo dos barometros já descriptos, e o menor, communicando com a atmospheria, o qual substitue a tina. Pela diferença de nivel dos dois vacuos, conhece-se a pressão. Cada ramo tem uma escala, cujo zero é commum e dividida igualmente como nos barometros de tina. A somma das duas leituras dá a altura barometrica.

Dos barometros metallicos, é hoje mais empregado o barometro *aneroidé*.

Altura em millimetros	Equivalencia
0,730.....	Tempestade
0,740.....	Grande chuva
0,750.....	Chuva e vento
0,760.....	Variavel
0,770.....	Bom tempo
0,780.....	Bom tempo fixo
0,790.....	Muito secco



FIG. 4 III

Ha, como se vê, uma relação entre a altura do barometro e o estado geral do tempo. No emtanto, o deduzir-se de sua altura, o tempo provavel é mais difficil do que se julga. Assim, de verão, o bom tempo vem sempre acompanhado com uma area de pressões mais fracas do que no inverno.

E' assim que no verão, no nosso clima, a altura barometrica excede varias vezes 765^{mm}, enquanto que no inverno póde attingir 780^{mm}. A altura barometrica, de 770^{mm} é, no verão, quasi sempre rarissima, excepcional mesmo. Esta tem sido observada de setembro a abril.

(Continua)

Antonio A. O. Machado.

FA SUSTENIDO

POI

Alphonse Karr

«Estas mesmas flores serão semeadas sobre o meu tumulo, e um piriteiro e malmequeres brancos.

«Deixo 500 florins e um cavallo ao major Peters-Keller, cuja cutilada ha trez annos me deu tamanhas dôres, que, depois que me passaram, a vida durante quasi um dia, me pareceu coisa deliciosa.

«Não deixo estes legados para que me abençoem depois da morte; pouco me importa o que ha de acontecer quando eu estiver morto; é agora que sinto prazer em fantasiar a alegria que os meus herdeiros não de ter.

Na missa de defuntos que por minha alma se ha de dizer, ha de cantar-se:

*Ao Rheno! ao Rheno! ali são nossas vinhas!
Ao Rheno vamos já! ao Rheno vamos já!
A vinha...*

«Deixo 10.000 florins ao primeiro que souber o final da cantiga.
«É este o meu testamento.

«Barão Conrado Krumpholtz.»

LVIII

A' noite, deitado na cama, Krumpholtz relia o que de dia tinha escripto.

— Quem sabe? Talvez na tal missa pela minha alma alguém na igreja acabe a cantiga. E adormeceu, cantarolando:

.....
A vinha...
.....
A vinha...
.....
A vinha...

Acordou ouvindo uma voz, que no pateo cantava:

Ao Rheno! ao Rheno!

Cuidou estar dormindo; sacudiu a cabeça, beliscou-se; não havia duvida, aquella voz, que atravez das janellas fechadas mal conseguia penetrar até ao quarto, cantava a tal cantiga.

Sentado na cama, de mãos postas, d'olhos fitos, poz-se a escutar; mas calculem o que n'elle se passou, quando a voz continuou a cantiga—mais um compasso.

A voz calou-se.

Conrado ainda escutava, mas o mais profundo silencio reinava no pateo e por toda a parte. O Barão começou a puxar ao mesmo tempo pelas duas campainhas.

Entrou o Athanasio.

— Quem estava a cantar no pateo? perguntou o Barão.

— Uma mulher que eu mandei embora, conforme as ordens do sr. Barão com respeito a todos os musicos que ahi apparecessem.

— Corre atraz d'ella e traze-m'a.

O Athanasio demorou-se uns instantes, durante os quaes o Barão nem respirou.

Voltou dizendo que a mulher tinha desaparecido.

Verdade, verdade, o Athanasio nem a procurara, nem sequer sahio de casa.

Krumpholtz não poude pregar olho. O caso extranho, aquelle compasso a mais, acordava-lhe lembranças cada vez mais vivas. Ardia-lhe o sangue na cabeça. Levou toda a noite a passear pelo quarto, a olhar para o ceo cheia de estrelas, a repetir os compassos que tinha ouvido.

A vinha ali se estende em longas...

— Voltamos para Ober Wesel, disse o Athanasio á amante. Vens connosco?

— Até ao cabo do mundo!

No dia seguinte encontraram o Conrado estendido no tapete do quarto. Os medicos declararam que seria perigoso transportal-o assim; mas o Conrado deu ordens terminantes para que lhe arrandassem cavallos e poz-se a caminho.

LIX

Durante a viagem, Conrado capacitou-se de que o tal compasso a mais era sonho, lembrança que se desenvolveu durante o somno. Mas, passados poucos dias, achava-se na mesma, parava no sr. como d'antes parava no *fa*, sem ir mais longe.

Como passassem junto d'um cemiterio, o Conrado interrompeu a leitura da gazeta que levava na mão e apontando para os ciprestes que sombreavam os tumulos, disse:

— Eis as unicas arvores de liberdade!

— Meu sr., disse o Athanasio não misturemos coisas de cemiterio com as coisas da vida, porque é de mão agoiro.

— Pobre Athanasio! disse o Barão. O teu olhar completa o teu pensamento, que não querias revelar-me; mas, deixa lá, não é por isso que hei de morrer nem mais tarde, nem mais cedo.

— Não é o que eu queria dizer, continuou o Athanasio, que temia ter produzido uma má impressão no espirito do amo. E' que este cemiterio e as palavras de V. Ex.^a lembraram-me uma historia que contavam lá na Residencia, uns tempos antes de eu entrar ao seu serviço.

«Havia lá um senhor que namorava uma menina da cidade. Diziam que elle queria casar com ella, os paes e os tolos assim diziam e talvez a rapariga; mas para elle não era ella nem bastante rica nem de boa familia.

«O que é verdade é que elle não lhes deixava a porta e era motivo de falatorio na visinhança; porque, como já disse, só os paes e os tolos é que diziam que havia de aquillo acabar em casamento.

«Uma vez, o homem chegou mais preocupado que o costume, falando pouco e nada falando de amor. A menina não gostou, perguntou-lhe porque vinha tão mudo e desagradavel, e, para o distrahir, lembrou-se de lhe roubar uma flor, que elle tinha trazido e que, provavelmente por esquecimento, lhe não tinha offerecido; mas elle não quiz que ella lh'a tirasse e mostrou-se tão teimoso que a namorada desconfiou, cuidou que outra mulher lh'a tivesse dado e disse-lhe que se elle lhe não desse a rosa por que morria, que nunca mais a havia de ver.

«— Pois antes queria nunca mais vel-a, embora a ame um milhão de vezes mais que quanto ha no mundo, do que dar-lhe a rosa. E, se lhe dissesse o motivo que me impede de lh'a offerecer, veria que, longe de desconfiar de mim, me porto n'este momento como amante terno e fiel.

Se o Barão não tivesse adormecido logo no principio da historia, teria interrompido o Athanasio para lhe perguntar quem tinha podido as-



FIG. 4

Consta de uma caixa circular de faces cannelladas, com o fim de serem flexiveis, accusando qual quer diferença de pressão, pela existencia do vacuo no interior da caixa. Esta caixa transmite movimento a uma mola de aço ligada a um ponteiro que gira sobre um quadrante graduado. Duas alavancas facilitam o movimento. Um ponteiro fixo de latão, permite saber-se a diferença de pressão entre duas observações seguidas. Se a pressão diminue, o interior da caixa transmite movimento ao ponteiro, movendo-o para a esquerda; se esta augmentar, o ponteiro gira para a direita.

A graduação do mostrador do barometro é a seguinte:

sim ensinar-lhe os proprios termos dos dois amantes e porque esforço prodigioso podia assim re- tel-os na memoria.

Foi pena que o Barão, não tendo podido fazer a pergunta, o Athanasio não tivesse logar para responder.

— Depois de tanta coisa para socego e persuasão, continuou o Athanasio, mais inquieto ficou a senhora e morrendo por saber a decifração do enigma e outra vez disse ao amante que se elle lhe não desse a rosa, nunca mais a veria, ainda que morresse de desgosto. O pobre namorado que, ainda que não tivesse muita vontade de casar com ella, nem por isso deixava de andar apaixonadissimo, assegurou-lhe que, se ella tivesse a maldade de querer uma tal separação, seria elle quem primeiro havia de morrer e que ella ficaria com o desgosto de ter aberto a cova ao amante mais sincero que podia achar.

«Nada a demoveu do proposito. Então o senhor, chamando-a de parte, disse-lhe:

— Quando vinha para aqui, passando pelo cemiterio, vi um tumulo coberto de rosas brancas; sem sequer reparar no que fazia, apanhei uma e deixei-me ficar com ella na mão. Só quando para ella olhou é que eu reparei no desconchavo de trazer para aqui onde tenho toda a minha felicidade, uma flor apanhada no cemiterio, uma flor cujas raizes só se criam n'um corpo morto e que deve toda a propria cor á decomposição d'um cadaver. Toda a noite foi o que me preocupou; parecia-me ver esta flor nos seus cabellos e logo me parecia vel-a perder a frescura de suas côres, encovar-se a orbita de seus olhos, e só via sobre seus hombros brancos uma cabeça de esqueleto coroada de rosas. Percebe agora porque não lhe quero dar esta rosa?

«Disse a menina que nenhum mal aconteceria, que desde que havia mundo, já tinha morrido tanta gente que decerto a terra era só composta de pó humano e que uma rosa, fosse apanhada onde fosse, não teria deitado raizes, por pequeno que fosse o espaço occupado, senão em sitio onde houvesse um corpo restituído aos elementos.

«Renovou-se a discussão e ella sahio da sala dizendo que, se no dia seguinte de manhã não lhe levasse a rosa, com palavra de honra de que era a mesma, mudasse d'idéas e nunca mais lá fosse.

«Sahiu o homem muito triste, não tolerando tal idéa de renunciar assim a seus amores. No dia seguinte levou-lhe a rosa, jurando por quanto havia que era a mesma da vespera.

«A menina, toda contente, pô-a nos cabellos e todo o dia andou com ella, embora já bastante murcha, e mais terna se mostrou ao seu amante.

«Soube-se do caso e todos diziam que elle tinha andado mal e que havia de acontecer desgraça. E ella a rir-se!

«Mas, pouco depois, as bonitas côres desapareceram; e a saúde, d'antes magnifica, começou a alterar-se; começou a emagrecer, a descarnar-se; ninguém, já se vê falava da rosa do cemiterio, mas era no que todos pensavam.

«Mas o que mais apavorou toda a gente foi ella, um dia, querer por força outra rosa do cemiterio e ameaçar de que, se lh'a não fossem buscar logo, logo, que iria ella, embora já fosse noite fechada. E não houve remedio senão obedecer a tão horrivel capricho.

«Continuava a emmagrecer; mas, como que para realisar a horrivel visão do namorado, só a cabeça é que emmagrecia e o corpo conservava-se como d'antes.

«Emfim, os paes tiveram que levar-a a umas aguas longe de Residencia, onde, dizem, ella morreu com um soffrimento horrivel e a cabeça tão descarnada, que era mesmo uma cabeça de esqueleto.

O que prova, disse o Athanasio acabando a historia, que não se devem as coisas de vida misturadas com as da morte. (Continua).

NECROLOGIA

ADOLPHO GRENO

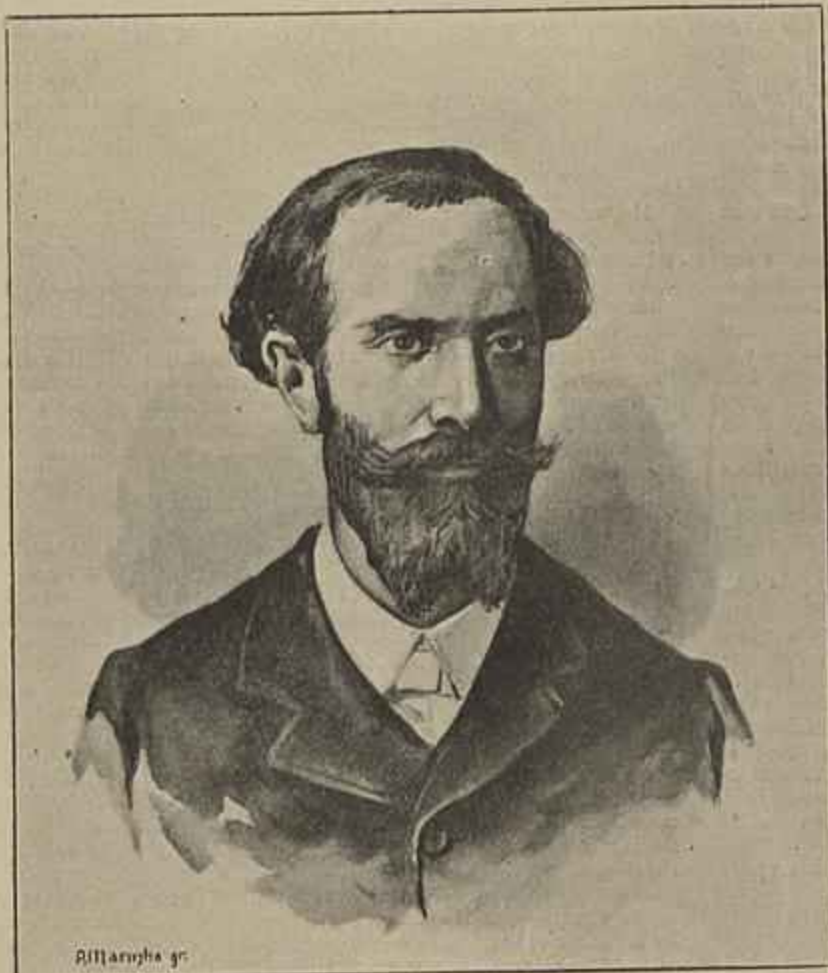
Publicaram as folhas diarias minuciosas noticias da tragedia da travessa de S. Mamede, e a chronica do n.º 810 do OCCIDENTE a ella se referiu.

Hoje publicamos o retrato da victima Adolpho Cesar de Medeiros Greno, que foi pintor distincto e se dedicava tambem a restaurar quadros antigos, o que é arte apreciavel quando desempenhada com pericia e bom criterio, para o que são precisos conhecimentos especiaes.

O desditoso artista contava apenas 46 annos de idade, pois nascera em Lisboa na freguezia de S. João da Praça, por 1855, filho de Thomaz d'Aquino Greno.

Adolpho Greno de muito novo se dedicou ao

NECROLOGIA



ADOLPHO GRENO

FALLECIDO EM 26 DE JUNHO DE 1901

estudo da arte de desenho e de pintura, para o que frequentou a Academia de Bellas Artes de Lisboa, onde chegou a ser discipulo querido do professor Lupi.

Tendo concluido o curso da Academia, foi estudar ainda em Paris com o pintor Cabanel, que deu boas lições aos pensionistas portuguezes d'uma certa época.

Entretanto Greno não era um talento brilhante e os quadros em que mais conseguiu distinguir-se foram os retratos.

Dedicando-se a dar lições de desenho e de pintura teve por uma das suas primeiras discipulas a Josefa Garcia Greno, de origem hespanhola, da qual se enamorou e veiu a desposar por 1876, tendo elle apenas 21 annos de idade. Foi um casamento de amor, em que se uniram duas almas d'artista, pois que Josefa Greno honrou o mestre, avantajando-se-lhe na pintura, em que se tornou uma artista distinctissima nos seus quadros de flores, especialidade que mais e melhor cultivou.

Adolpho Greno era de estatura mais que regular, de apparencia sympathica, com a sua cabeleira e barba á Christo. Character bondoso e de fino trato.

Morreu ás mãos de sua mulher, quando dormia tranquillo no thalamo conjugal.

Se a auctora do traçoieiro attentado é uma louca ou uma criminosa da peor especie, é o que a justiça está averiguando.



Recebemos e agradecemos:

Valle de Flores — *Excursão em procura de uma ermida do seculo XVI — D. João de Castro, eborense — por H. Freire. — Typographia «Noticias d'Evora» — Evora, 1901.*

Valle de Flores é o titulo, de-veras poetico, da presente descripção de um passeio realiado pelo auctor e tres seus amigos no concelho de Evora, afim de averiguarem a existencia de um Oratorio antigo, de que o sr. H. Freire descobrira noticia em um codice precioso da opulenta *Bibliotheca da Manizola*, uma das principaes do paiz, propriedade do sr. visconde da Esperança, e na qual se guardam verdadeiras preciosidades bibliographicas.

Valle de Flores era uma designação toponimica que desapareceu, embora muito perto do logar que assim se chamava existia ainda hoje outro com titulo parecido — o Monte das Flores.

Começou, pois, o trabalho dos estudiosos excursionistas logo pela difficuldade da identificação da designação desaparecida com a herdade que procuravam, a qual é algumas vezes mencionada com aquelle poetico titulo em varios codices do archivo da Misericordia de Evora, tambem investigados pelo sr. Henrique Freire. *Valle de Flores ou Valle de Correa na freguezia de Ourega*, repete o manuscrito; *Ourega* corresponde a *Tourega* e *Valle de Correa* á *Correa*, actuaes; d'aqui se partiu para desfiar o enredado das designações e identificá-las com os logares respectivos. Do Valle de Correa se averiguou subsistir apenas o titulo de *A Correa*, e, dirigindo as suas buscas para este logar, depararam os excursionistas com um extenso valle e um monte, á esquerda do monte e a elle ligada, por uma edificação, uma ermida, o Oratorio de que falava o codice. E assim acharam o logar de *Valle de Flores* que procuravam, agora sob a prosaica denominação de *A Correa*.

Descreve o sr. Freire muito graciosamente esta digressão com todas as suas peripecias. N'ella se mostra o seu carinho de investigador, de sabedor do passado, e o culto que lhe merecem as tradições. A iniciativa da excursão foi sua, pois estando a apurar a biographia de um eborense illustre, D. João de Castro, soube que elle fora possuidor do Valle de Flores e piedosamente fundara alli em 1591 a capella que lá se ergue ainda.

Passada a noticia da excursão apresenta o sr. Freire considerações muito interessantes acerca do fundador do oratorio de S. João Baptista de Valle de Flores, cuja identidade procura determinar, explicando as porfiadas investigações feitas, e que mais accentuam a sua erudição.

Illustra o opusculo uma photogravura da ermida.

ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE Para 1902

Está a publicar-se este primoroso annuario profusamente illustrado e com uma linda capa a côres que é uma surpresa.

Preço 200 réis brochado, cartonado 300 réis, pelo correio accresce 20 réis de porte. Pedidos á

EMPRESA DO «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — LISBOA